

PATRIMÔNIO, ECONOMIA CIRCULAR E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM VASSOURAS (RJ): ENTRE A PRESERVAÇÃO, O TURISMO E A HISTÓRIA

Jesimar da Cruz Alves
diretoria@famipe.edu.br
FAMIPE

Gabriel Rezende
gabriel.rezende@univassouras.edu.br
FAMIPE

Paulo Cesar Pereira
paulo.pereira@univassouras.edu.br
FAMIPE

Resumo: Este artigo analisa, sob uma perspectiva interdisciplinar e crítica, o processo de transição do município de Vassouras (RJ) e, em particular, o Fórum Replanta Vale e o locus desenvolvido na Fazenda São Luiz da Boa Sorte, à luz dos paradigmas da economia circular, da gestão regenerativa e da administração sistêmica. A análise revela uma ruptura estrutural com os modelos convencionais de desenvolvimento rural, patrimonial e turístico, tradicionalmente ancorados em uma lógica linear e extrativista. O Replanta Vale emerge como um modelo de gestão territorial regenerativa que, ao adotar os princípios da economia circular como eixo estruturante, promove uma reorganização profunda das estruturas organizacionais, dos processos decisórios, das cadeias de valor e dos sistemas de governança. Trata-se de uma transição epistemológica que redefine a geração de valor a partir de uma lógica multidimensional, integrando dimensões econômicas, sociais, culturais, ecológicas e territoriais. A gestão da Fazenda São Luiz da Boa Sorte materializa conceitos como capacidades dinâmicas, redes colaborativas, governança participativa e liderança regenerativa, reposicionando a organização como um sistema vivo e interdependente. A articulação entre cafeicultura regenerativa, turismo cultural imersivo e ativação do patrimônio histórico (como o Museu do Café) traduz-se em um modelo de negócio circular que otimiza recursos, estende ciclos de vida dos ativos e promove valor compartilhado. Conclui-se que o Replanta Vale representa uma escola viva de gestão regenerativa e circular, oferecendo um modelo prático, replicável e teoricamente robusto de desenvolvimento territorial sustentável. Ao aliar cultura, natureza, comunidade e inovação, o projeto aponta caminhos viáveis para a reinvenção da gestão no século XXI, consolidando-se como referência para a construção de futuros mais resilientes, representativos e ecológicos.

Palavras Chave: Turismo Cultural - Replanta Vale - Sustentabilidade - Vassouras - Economia Circular

Introdução

O município de Vassouras, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, possui uma trajetória histórica profundamente marcada pelos ciclos econômicos que moldaram não apenas sua própria formação, mas também capítulos decisivos da história econômica e social brasileira desde o século XIX. Conhecida como a “Cidade dos Barões”, Vassouras ocupou posição central no apogeu da economia cafeeira, tornando-se um dos mais proeminentes polos da aristocracia rural brasileira durante a primeira metade do século XIX. Este protagonismo econômico não se limitou à geração de riqueza, mas se materializou também na consolidação de um vasto patrimônio arquitetônico, cultural e simbólico, que permanece até hoje como testemunho dos tempos áureos da cafeicultura no Vale do Paraíba Fluminense.

Entretanto, a lógica econômica que sustentou este ciclo, ancorada em uma matriz produtiva linear, baseada na monocultura de exportação e na exploração intensiva dos recursos naturais e do trabalho escravizado, carregava em si as sementes de sua própria obsolescência. O esgotamento dos solos, a crise do modelo agroexportador, a abolição da escravidão e as transformações nas dinâmicas econômicas globais e nacionais conduziram Vassouras, a partir do final do século XIX, a um prolongado período de decadência. Esse período foi caracterizado pelo abandono dos imponentes casarões, pela estagnação econômica, pelo enfraquecimento das redes produtivas locais e pela perda de relevância política e econômica no cenário nacional.

A partir da segunda metade do século XX, esse cenário começou a se reconfigurar, sobretudo pela atuação visionária do General Severino Sombra de Albuquerque, cuja intervenção reposicionou Vassouras como cidade universitária e centro de formação educacional, impulsionando transformações sociais, econômicas e culturais. Nas décadas mais recentes, Vassouras avança ainda mais em direção a uma nova racionalidade territorial, tornando-se um polo de turismo histórico-cultural, educação patrimonial, práticas sustentáveis e, cada vez mais, um território de referência para a aplicação dos princípios da Economia Circular e do desenvolvimento regenerativo.

É neste contexto de ressignificação territorial, onde desenvolvimento sustentável, regeneração ecológica e valorização cultural se encontram, que emerge o Fórum Replanta Vale, e o *lócus* específico de desenvolvimento da Fazenda São Luiz da Boa Sorte. Localizada em Vassouras, essa fazenda histórica se transforma em um laboratório vivo de inovação econômica, social, ambiental e cultural, articulando práticas de turismo regenerativo, restauração ecológica

e resgate da cultura cafeicultora. Mais do que um projeto de recuperação patrimonial ou de produção agrícola sustentável, o Replanta Vale se configura como um modelo contemporâneo de transição econômica, que opera diretamente na lógica da Economia Circular, regenerando não apenas ecossistemas, mas também as redes produtivas, sociais e culturais do território.

Este processo de transformação não se limita à adoção de práticas ambientalmente responsáveis ou à mitigação de impactos negativos, como preconizava a sustentabilidade em suas primeiras formulações. O que se observa na Fazenda São Luiz da Boa Sorte é uma ruptura epistemológica mais profunda com o modelo linear de desenvolvimento, historicamente caracterizado pela lógica do “extrair, produzir, consumir e descartar” (*take-make-dispose*). Conforme aponta a Ellen MacArthur Foundation (2015), a Economia Circular não deve ser entendida como mera estratégia de gestão de resíduos ou eficiência produtiva, mas como uma reorganização radical dos sistemas econômicos, produtivos e sociais, ancorada em princípios como design regenerativo, ciclos fechados, simbiose industrial, valorização dos fluxos biológicos e técnicos, extensão da vida útil dos ativos e maximização do valor sistêmico.

O caso da Fazenda São Luiz da Boa Sorte insere-se exatamente nesse horizonte teórico e prático, evidenciando que a Economia Circular aplicada à gestão de territórios históricos não é uma abstração acadêmica, mas uma estratégia concreta de desenvolvimento. O Fórum incorpora com precisão os fundamentos do *Triple Bottom Line* (TBL), ampliando os tradicionais três pilares - econômico, social e ambiental - para incluir também as dimensões culturais e territoriais, que são fundamentais em processos de regeneração de espaços historicamente marcados pela exploração predatória. Este alinhamento transcende os conceitos clássicos de sustentabilidade, ao propor um modelo de gestão e desenvolvimento que, além de reduzir danos, busca gerar impactos líquidos positivos, tanto ecológicos quanto sociais e culturais.

Neste artigo, busca-se compreender como o município de Vassouras, a partir de processos históricos, econômicos e culturais, se reconfigura como um território que articula, de maneira inovadora, preservação patrimonial, desenvolvimento turístico, regeneração ecológica e práticas alinhadas à economia circular. A análise recai, particularmente, sobre o Fórum Replanta Vale, não apenas por seu protagonismo local, mas por representar, sob a ótica acadêmica e metodológica, um modelo de gestão territorial alinhado aos desafios contemporâneos da transição ecológica, da bioeconomia e da regeneração dos sistemas produtivos.

A proposta aqui desenvolvida se ancora em uma análise histórica, econômica, socioambiental e gerencial, com vistas a compreender como a integração entre memória, cultura, natureza e inovação econômica pode gerar novos modelos de desenvolvimento para territórios marcados tanto pelo apogeu quanto pela decadência de ciclos econômicos anteriores. O trabalho se estrutura, portanto, a partir de três seções de análise. A primeira analisamos a trajetória histórica e socioeconômica de Vassouras e sua transformação enquanto território, em segundo, a gestão patrimonial, educacional, turística e cultural como vetores de desenvolvimento territorial e econômico. Por fim, na última seção, compreendemos a aplicação prática dos princípios da Economia Circular no contexto da Fazenda São Luiz da Boa Sorte e no Fórum Replanta Vale, evidenciando como este modelo se articula com os desafios e as oportunidades da economia regenerativa e da gestão sustentável no século XXI.

1. Vassouras: da opulência cafeeira à reinvenção socioeconômica

A trajetória de Vassouras, município situado no Vale do Paraíba Fluminense, não pode ser plenamente compreendida sem uma análise crítica dos processos estruturantes da economia colonial e imperial brasileira e de suas implicações socioeconômicas, ambientais e culturais ao longo de mais de dois séculos. No século XIX, Vassouras consolidou-se como um dos principais epicentros da cafeicultura nacional, chegando a acumular uma das maiores concentrações de riqueza por metro quadrado do Império do Brasil. Este processo foi sustentado por uma lógica econômica nitidamente linear, centrada na monocultura de exportação e na exploração intensiva dos recursos naturais e da mão de obra escravizada, características emblemáticas de um modelo produtivo que, à luz da literatura contemporânea sobre economia circular, pode ser classificado como insustentável e predatório ((Lacy; Rutqvist, 2015; Pieroni; Mcaloone; Pigosso, 2019).

A expansão da cafeicultura em Vassouras foi favorecida por uma combinação estratégica de fatores geográficos, climáticos e logísticos. Os solos, altamente férteis, o relevo de morros suaves e um regime climático adequado criaram as condições agroecológicas ideais para o cultivo do café (Stein, 1990). Além disso, a proximidade com o Rio de Janeiro, então capital do Império e principal porto exportador do Brasil, proporcionava uma vantagem logística que potencializou o rápido escoamento da produção agrícola. A construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, na década de 1850, consolidou essa vantagem competitiva, inserindo

Vassouras de maneira definitiva nos circuitos de comércio interno e internacional (Raposo, 1978).

Este ciclo de prosperidade econômica gerou uma aristocracia rural poderosa, representada por famílias como os Teixeira Leite, os Botelho e os Avelar e Almeida, que acumularam riqueza, terras e influência política, tanto na Província do Rio de Janeiro quanto na Corte Imperial. O poder econômico dessas elites locais refletiu-se na materialização de um patrimônio arquitetônico e urbanístico singular, que inclui palacetes de estilo neoclássico, teatros, escolas e muitos deles comparáveis, em sofisticação, aos equipamentos urbanos das principais cidades brasileiras da época (Raposo, 1978).

Contudo, o modelo de desenvolvimento que sustentou o apogeu econômico de Vassouras era estruturalmente insustentável, tanto sob a ótica ambiental quanto social. A abertura dos cafezais implicou a queima extensiva da vegetação nativa da Mata Atlântica, com a consequente degradação dos solos e perda de biodiversidade. A ausência de práticas de manejo conservacionista, aliada à dependência absoluta da mão de obra escravizada, construiu um sistema econômico excludente e ambientalmente predatório, cujas externalidades negativas se acumulavam de maneira irreversível (Stein, 1990). Na perspectiva atual da economia circular, esse modelo representa o arquétipo do sistema linear, orientado para a extração máxima de recursos, com baixa preocupação com os ciclos de regeneração e com a circularidade dos materiais e nutrientes (Souza *et al.*, 2020).

A partir da década de 1870, os primeiros sinais de crise começaram a se manifestar. O declínio da fertilidade dos solos, a disseminação de pragas e doenças nos cafezais, o deslocamento da fronteira agrícola para o Oeste paulista e, principalmente, a iminência da abolição da escravidão, culminando na promulgação da Lei Áurea em 1888, desestruturaram profundamente a economia local. A perda abrupta da força de trabalho escravizada e a degradação ambiental limitaram drasticamente a capacidade de recuperação econômica do município. Muitos fazendeiros abandonaram suas propriedades, que se transformaram em pastagens de baixa produtividade ou foram simplesmente deixadas ao abandono.

Durante grande parte do século XX, Vassouras experimentou um longo período de estagnação econômica e social, caracterizado na literatura como o tempo das “cidades mortas do Vale do Café” (Lobato, 1995). Esse processo foi acompanhado de um agravamento das condições socioeconômicas locais, com o aumento dos índices de pobreza, migração de parte expressiva da população para outras regiões e um acelerado processo de ruína do patrimônio arquitetônico e cultural. As fazendas, outrora símbolos de poder, tornaram-se testemunhos

silenciosos da decadência de um modelo econômico insustentável, reproduzindo um ciclo de vulnerabilidade social e degradação ambiental.

Esse quadro começou a se alterar de forma estrutural a partir da década de 1960, com a chegada do General Severino Sombra, figura central no processo de reconfiguração socioeconômica do município. Inspirado por sua vivência acadêmica na Universidade de Coimbra, em Portugal, Sombra idealizou um projeto de desenvolvimento territorial calcado na educação superior, na saúde e na cultura como vetores de transformação social e econômica (Moura, 2010; Porto, 2013). Sua visão de desenvolvimento dialoga, ainda que de forma embrionária, com os princípios que hoje fundamentam a economia circular, ao reconhecer a necessidade de regenerar o capital humano, social e cultural como condição para a retomada do crescimento econômico sustentável (Alves, 2025).

A fundação da Sociedade Universitária John F. Kennedy, em 1966, e da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE), em 1967, representaram marcos institucionais decisivos para a reversão da trajetória de declínio de Vassouras (Porto, 2013). A instalação da Faculdade de Medicina no histórico Palacete Barão de Massambará simbolizou não apenas a reutilização adaptativa de um patrimônio arquitetônico, mas também a consolidação de um novo modelo econômico baseado na prestação de serviços educacionais e de saúde, uma espécie de “reciclagem funcional” da infraestrutura urbana, o que, na linguagem da economia circular, pode ser interpretado como uma prática de extensão do ciclo de vida dos ativos territoriais.

O impacto dessa transformação foi profundo e multifacetado. A economia local passou a girar em torno da prestação de serviços, com destaque para os setores de educação, saúde e comércio. O comércio local se reaqueceu, a construção civil voltou a crescer e novas oportunidades de negócios emergiram, diretamente vinculadas à dinâmica universitária. Trata-se de uma mudança que, embora não formalizada sob o rótulo da economia circular à época, antecipava práticas hoje reconhecidas como parte da transição para modelos econômicos mais resilientes e regenerativos, baseados na reconfiguração de fluxos econômicos, sociais e ambientais (Alves, 2025).

Todavia, esse processo de reconfiguração não foi linear nem isento de desafios. Ao longo das primeiras décadas do século XXI, a FUSVE enfrentou crises administrativas e financeiras significativas, que ameaçaram a sustentabilidade econômica e institucional do projeto universitário. Foi apenas a partir de 2012, com a gestão de Marco Capute, que a Fundação passou por um vigoroso processo de modernização e reestruturação organizacional. Sob sua liderança, foram implementadas práticas contemporâneas de governança,

sustentabilidade financeira e inovação administrativa, alinhadas às diretrizes da gestão estratégica orientada para o desenvolvimento sustentável (Alves, 2025).

Entre as principais ações, destaca-se a ampliação dos investimentos em saúde, com a expansão e modernização do Hospital Universitário, bem como a criação de novos polos educacionais em municípios vizinhos, como Miguel Pereira, Maricá e Saquarema. Esse movimento de expansão territorial e diversificação de receitas seguiu princípios típicos de uma administração orientada à geração de valor social, econômico e ambiental, reforçando, ainda que de forma implícita, a lógica da economia circular ao buscar ampliar o uso eficiente dos ativos institucionais, reduzir vulnerabilidades financeiras e fortalecer os impactos positivos sobre a comunidade regional.

Assim, a trajetória de Vassouras não pode ser interpretada apenas como uma narrativa sobre ascensão e queda de um ciclo econômico, mas deve ser entendida como uma experiência complexa de transição territorial. Trata-se de um processo histórico que ilustra com clareza os riscos e as consequências de modelos econômicos baseados em exploração predatória, mas também as possibilidades de regeneração econômica e social quando estratégias integradas de gestão, educação, saúde, cultura e sustentabilidade são articuladas de forma sistêmica.

A capacidade de Vassouras de reinventar-se ao longo do tempo, ancorada na valorização de seu patrimônio histórico, na consolidação da educação superior, no fortalecimento da saúde pública e, mais recentemente, na incorporação de práticas sustentáveis e princípios da economia circular, evidencia a emergência de um novo paradigma de desenvolvimento territorial. Um paradigma que, como demonstrará a análise das seções seguintes, tem no Replanta Vale um de seus exemplos mais concretos e inovadores.

2. Gestão patrimonial e turismo histórico-cultural como vetor de desenvolvimento

O processo de gestão patrimonial em Vassouras não emerge como um fenômeno isolado, tampouco como mero exercício de preservação estética, mas como uma estratégia de desenvolvimento territorial articulada a dinâmicas contemporâneas que reposicionam o patrimônio cultural como vetor econômico, social e identitário. Esse movimento se insere dentro de uma lógica de transição, que rompe com paradigmas desenvolvimentistas tradicionais, baseados na exploração linear de recursos, para adotar modelos sustentáveis, ancorados na regeneração, na circularidade econômica e na valorização dos ativos culturais e ambientais.

Esse processo, que se intensifica nas últimas décadas do século XX, reflete uma mudança epistemológica na própria concepção de desenvolvimento urbano, em que bens patrimoniais deixam de ser encarados como entraves à modernização para se tornarem ativos estratégicos. A patrimonialização (aqui entendida não como congelamento do passado, mas como ressignificação dinâmica de memórias, saberes e materialidades) torna-se elemento central na construção de modelos econômicos alinhados à bioeconomia, à economia criativa e, mais recentemente, aos princípios da economia circular. Nesse sentido, o patrimônio não é apenas um bem a ser protegido, mas um recurso produtivo, simbólico e econômico, capaz de gerar valor material e imaterial para o território.

O tombamento do Centro Histórico de Vassouras pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1958, representa um marco inaugural nesse processo, sendo uma das primeiras ações no país a reconhecer formalmente a importância de um conjunto urbano diretamente associado à economia do café e à história da aristocracia rural fluminense (Alves, 2025). Este ato inscreveu Vassouras em uma nova lógica de governança patrimonial, que articula agentes públicos, sociedade civil e mercado, criando as bases para o desenvolvimento de políticas que, nas décadas seguintes, estruturariam a cidade como polo de turismo histórico-cultural.

Esse processo, contudo, esteve longe de ser linear ou isento de tensões. Durante as décadas de 1960 e 1970, a patrimonialização enfrentou resistência de setores da própria sociedade local, que associavam as restrições impostas pela preservação a obstáculos ao desenvolvimento econômico. Ao mesmo tempo, agentes externos como pesquisadores, arquitetos, historiadores, ambientalistas e turistas passaram a valorizar esse acervo, atribuindo-lhe um valor simbólico que, paradoxalmente, foi fundamental para sua transformação em ativo econômico no século XXI.

Longe de cristalizar a cidade no passado, o tombamento abriu caminho para uma reinvenção de Vassouras como território produtivo, onde a memória e o patrimônio atuam como vetores de desenvolvimento sustentável. A partir dos anos 1980, o município começa a estruturar sua economia em torno do turismo histórico-cultural, operando na lógica da reutilização adaptativa, conceito fundamental tanto no campo da gestão patrimonial quanto na economia circular. Nesse modelo, casarões antes abandonados passam a ser restaurados e convertidos em museus, centros culturais, universidades, restaurantes, pousadas e espaços para eventos, ampliando seu ciclo de vida e sua funcionalidade econômica, social e cultural.

A restauração do Palacete Barão de Massambará, transformado em sede da Faculdade de Medicina da Universidade de Vassouras, é exemplo emblemático desse processo. Aqui, o imóvel, outrora símbolo da riqueza cafeeira, passa a ser um espaço de produção de conhecimento e formação profissional, representando uma reconversão não apenas material, mas também simbólica, que inscreve o patrimônio no centro de uma nova economia baseada em serviços, educação e saúde. Essa prática reflete diretamente princípios fundamentais da economia circular, como a extensão da vida útil dos ativos, a otimização do uso dos recursos existentes e a regeneração dos sistemas econômicos e sociais locais (Souza *et al.*, 2020).

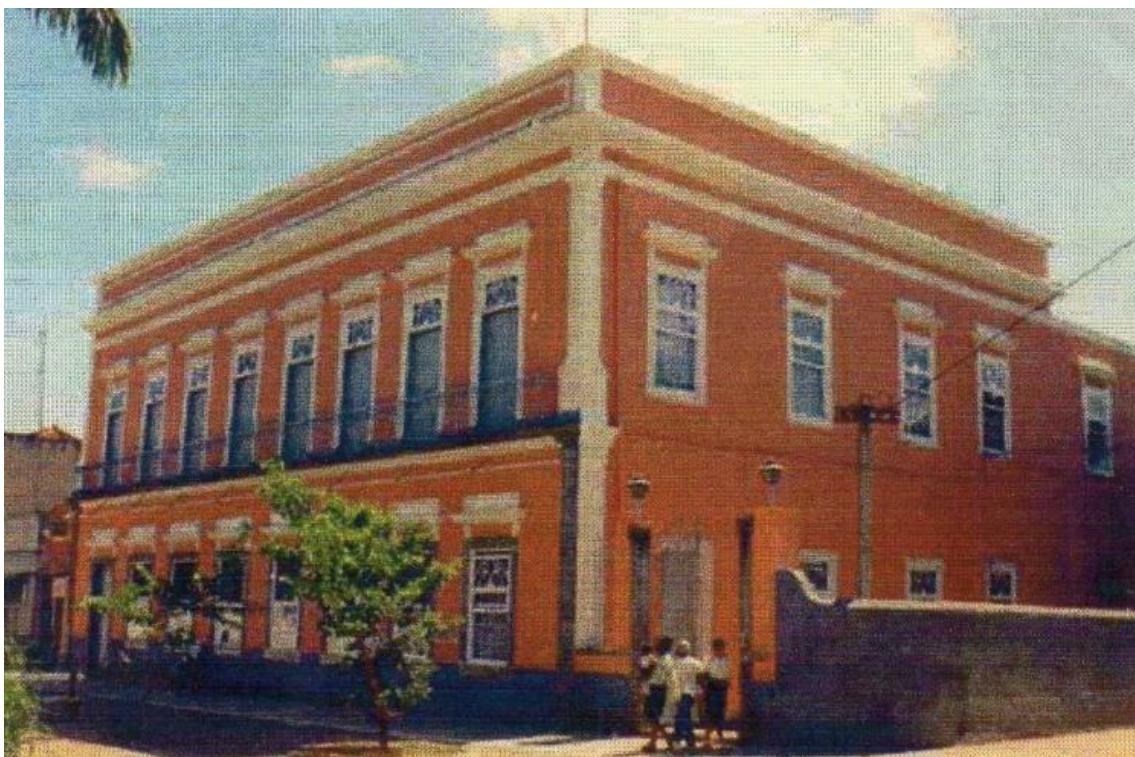


Figura 01 – Palacete Barão de Massambará década de 1970.

Fonte: Anibal de Almeida Fernandes. Fotografia remasterizada.

Outro exemplo paradigmático é o Palacete Barão do Itambé, um dos exemplares mais sofisticados da arquitetura neoclássica imperial. Sua restauração, em andamento, transcende a simples preservação arquitetônica, propondo sua integração em roteiros turísticos e educativos, além de espaços museológicos que conectam história, cultura e educação. Este processo revela como a gestão patrimonial contemporânea deixa de ser uma prática reativa e passa a ser estratégica, capaz de gerar valor econômico, social e ambiental simultaneamente.



Figura 02 –Palacete Barão do Itambé

Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Turismo – Vassouras/RJ, 2023.

O caso da antiga estação ferroviária de Vassouras reforça essa lógica de circularidade aplicada ao patrimônio. Construída em 1914 e desativada na década de 1970, a estação experimentou múltiplos ciclos de uso: foi sede administrativa da FUSVE, transformou-se em centro gastronômico e cultural, e hoje é também ponto de convergência turística, preservando elementos históricos como a locomotiva Baldwin de 1889. Essa trajetória ilustra, de forma clara, a aplicação do conceito de *upcycling patrimonial*¹, no qual os ativos históricos são ressignificados continuamente, ampliando seu valor econômico e sua relevância social, sem perda de sua integridade simbólica.

¹ O *upcycling patrimonial* refere-se à prática de transformar bens culturais, como edifícios históricos, objetos de arte ou peças de mobiliário, em novos usos ou produtos, agregando valor e significado, em vez de simplesmente descartá-los ou restaurá-los para sua função original. É uma abordagem que combina a preservação do patrimônio com a criatividade e a sustentabilidade, buscando novas formas de valorizar e manter viva a memória histórica e cultural. Em outras palavras, o *upcycling patrimonial* não se limita a manter a aparência original dos objetos ou edifícios, mas sim a dar-lhes uma nova função, significado ou contexto, muitas vezes incorporando elementos de design contemporâneo, arte ou tecnologia. Ver em: Dorsa (2019).



Realização:



Figura 03 –Antiga Estação de Trem – 1916 - Vassouras/RJ

Fonte: Jornal O Globo, 2024



Figura 04 – Foto Comemorativa Cem Anos da Estação de Trem Vassouras/RJ

Fonte: Jornal O Globo, 2024



Figura 05 –Antiga Estação- Sede Administrativa da FUSVE Vassouras/RJ

Fonte: Arquivo FUSVE, 2023.

Essa gestão do patrimônio, alinhada à economia circular, não apenas preserva, mas também amplia o valor dos ativos culturais, convertendo-os em motores econômicos que promovem a diversificação da economia local, a geração de empregos e a inclusão social. Como destaca a literatura especializada, esse tipo de modelo rompe com a lógica linear de obsolescência e descarte, promovendo uma regeneração contínua dos ativos territoriais (Lacy; Rutqvist, 2015; Pieroni; Mcaloone; Pigosso, 2019).

O turismo histórico-cultural consolida-se, nesse contexto, como eixo estruturante da economia de Vassouras. Inserida no circuito do Vale do Café, que reúne cerca de 15 municípios, a cidade oferece uma experiência que vai além da contemplação estética, propondo uma imersão na história da cafeicultura, da formação social brasileira e da transformação contemporânea desses territórios. Essa oferta turística articula roteiros gastronômicos, trilhas ecológicas, festivais de música, cinema e literatura, além de experiências imersivas em fazendas seculares, como a Fazenda São Luiz da Boa Sorte, no qual o Fórum Replanta Vale através de

debates e inflexões objetiva integrar a regeneração ambiental, turismo e resgate histórico de maneira exemplar.

Para a historiografia, para a economia e para a gestão territorial, o Replanta Vale não é apenas uma intervenção pontual, mas sim um fenômeno que exemplifica como o passado pode ser mobilizado como recurso estratégico para a construção de futuros sustentáveis. Ao combinar restauração de patrimônios materiais, regeneração de ecossistemas e reativação da cultura cafeeira sob bases sustentáveis, o Fórum opera na intersecção entre economia circular, turismo regenerativo e empreendedorismo de base cultural.

Os impactos desse modelo são significativos não apenas na dimensão econômica, mas também na socioambiental. Dados da Secretaria Municipal de Turismo de Vassouras (2023) indicam que o turismo responde por aproximadamente 18% da geração de empregos diretos no município, movimentando uma cadeia que inclui hotelaria, gastronomia, transporte, comércio artesanal, serviços culturais e educativos. Este dinamismo reflete diretamente os princípios da economia circular, na medida em que promove cadeias de valor distribuídas, reduzindo assimetrias econômicas e fortalecendo redes locais.

Ao mesmo tempo, esse modelo atua na preservação da memória coletiva e na formação de identidades locais. Eventos como o Festival Vale do Café, que reúne música erudita e popular em apresentações nas fazendas históricas, e as atividades acadêmicas e científicas promovidas pela Universidade de Vassouras, fortalecem a articulação entre patrimônio, cultura e desenvolvimento econômico. A educação patrimonial, promovida por instituições como a Casa de Memória Severino Sombra e pelos museus locais, amplia essa estratégia ao envolver crianças, jovens e toda a comunidade no reconhecimento e valorização do patrimônio cultural como bem comum e vetor de desenvolvimento.

Contudo, os desafios permanecem. A especulação imobiliária, a expansão urbana desordenada e a mercantilização excessiva do patrimônio representam riscos constantes, exigindo sistemas de governança robustos, alinhados aos princípios da sustentabilidade e da economia circular. Esses riscos foram potencializados, inclusive, pelas mudanças nos padrões do turismo no contexto pós-pandemia, que exigiram do município e dos empreendimentos locais a adoção de estratégias inovadoras, como a digitalização dos acervos, o fortalecimento do turismo de experiência, a implementação de roteiros regenerativos e a integração das práticas de gestão ambiental com o desenvolvimento turístico.

Diante desse panorama, torna-se evidente que a gestão patrimonial em Vassouras não pode mais ser entendida como uma política de conservação isolada, mas como uma estratégia

sistêmica de desenvolvimento territorial regenerativo. A integração entre patrimônio, cultura, economia e meio ambiente constrói um modelo que transcende os limites do desenvolvimento convencional, posicionando Vassouras como referência não apenas nacional, mas internacional, em modelos de gestão que combinam preservação, regeneração e geração de valor compartilhado.

Portanto, a experiência de Vassouras, especialmente quando articulada a projetos como o Replanta Vale, revela um caminho possível e desejável para as cidades históricas que enfrentam os dilemas da preservação patrimonial em tempos de crise climática, transição ecológica e transformação econômica global. Um modelo que comprova, na prática, que passado, presente e futuro não são linhas separadas, mas ciclos interdependentes que, quando bem geridos, podem gerar prosperidade, resiliência e justiça socioambiental.

3. Economia circular, Fórum Replanta Vale e a Fazenda São Luiz da Boa Sorte

O Fórum Replanta Vale, desenvolvido no Vale do Café, no estado do Rio de Janeiro, consolida-se como uma das expressões mais sofisticadas e emblemáticas da aplicação dos princípios da economia circular, integrando regeneração territorial, valorização do patrimônio histórico-cultural e a revitalização da cafeicultura como matriz econômica contemporânea, sustentável e regenerativa. Trata-se de uma iniciativa promovida pelo Instituto PRESERVALE, organização fundada em 1994 por um coletivo de aproximadamente 60 pessoas, entre fazendeiros, pesquisadores, ambientalistas, arquitetos, agentes de viagem, historiadores e entusiastas do legado do Ciclo do Café. O PRESERVALE surgiu com o objetivo de unir gestores de propriedades históricas do Vale do Paraíba Fluminense em torno de uma proposta inovadora de Turismo Cultural, capaz de agregar valor ao patrimônio rural, por meio da hospedagem, visitação guiada e ações educativas, históricas e culturais.

O Fórum Replanta Vale, nesse contexto, transcende os modelos tradicionais de desenvolvimento rural, operando como um verdadeiro laboratório vivo onde se articulam, de maneira sinérgica, história, cultura, meio ambiente, empreendedorismo e inovação econômica. Sendo uma alternativa ao modelo linear, a economia circular representa uma mudança cultural e econômica fundamental, buscando um futuro mais sustentável e equilibrado para o planeta e para as futuras gerações. Dessa forma, o Fórum representa uma síntese notável entre práticas de conservação patrimonial, reativação produtiva da paisagem cultural do café e construção de modelos econômicos alinhados às dinâmicas sociais e circulares.

A Fazenda São Luiz da Boa Sorte carrega, em sua própria materialidade e simbologia, uma memória estruturante para compreender os processos econômicos, sociais e culturais que moldaram o Brasil no século XIX. Sua trajetória reflete, com clareza, os paradoxos de um modelo econômico que, enquanto gerou extraordinária concentração de riqueza durante o ciclo do café, baseava-se em uma lógica linear extrativista, ancorada na exaustão de recursos e na exploração do trabalho escravizado. A derrocada desse modelo, com a crise da cafeicultura fluminense no final do século XIX, resultou na desestruturação econômica da região, no abandono das grandes propriedades e na obsolescência de um sistema produtivo incapaz de se reinventar diante das transformações sociais e ambientais da modernidade.

É precisamente nesse contexto de passivos históricos – econômicos, sociais e culturais – que surge o Replanta Vale, como uma resposta inovadora e profundamente alinhada às premissas contemporâneas da economia circular. Diferente de abordagens tradicionais centradas na mera conservação estética do patrimônio ou na exploração turística sem vínculos produtivos, o Fórum propõe uma reconversão integral dos ativos territoriais da fazenda. Essa reconversão articula três pilares indissociáveis: (i) a preservação e ativação do patrimônio histórico e cultural; (ii) a regeneração ecológica e produtiva do território, com destaque para o café; e (iii) a geração de valor econômico através de modelos de negócio baseados no turismo regenerativo, na agrofloresta e na circulação ampliada de bens culturais e serviços educacionais.



Figura 06 – Divulgação Replanta Vale

Fonte: Divulgação/Replanta Vale, 2024.



Figura 07 – Retorno da Atividade Cafecira em Vassouras - 2024

Fonte: Fazenda Luiz da Boa Sorte, 2024.

No campo produtivo, o Replanta Vale não se limita a regenerar a paisagem, como no caso da Fazenda São Luiz da Boa Sorte. Ele opera como indutor de uma nova economia do café no Vale do Café. A retomada do cultivo do café, agora em bases agroflorestais, orgânicas e regenerativas, não é apenas um gesto simbólico de reconexão com a história regional, mas sim um vetor estruturante de transformação econômica. O Fórum estimula diretamente o replante do café em outras propriedades da região, oferecendo não apenas um modelo técnico e ambientalmente viável, mas também uma estratégia de reposicionamento mercadológico, capaz de gerar valor agregado com cafés especiais, conectados à história, à cultura e às práticas de sustentabilidade e regeneração.

Nesse sentido, o café deixa de ser mera *commodity* e assume o papel de ativo cultural e ecológico, que carrega consigo narrativas identitárias do território, capazes de conectar consumidores, visitantes e comunidades locais a uma cadeia de valor que transcende o produto físico, integrando experiência, conhecimento, história e sustentabilidade. A cafeicultura, portanto, é ressignificada não apenas como atividade econômica, mas como expressão material e simbólica de uma nova economia circular aplicada ao patrimônio e ao território.

Dentro dessa estratégia, a criação do Museu do Café na própria Fazenda São Luiz da Boa Sorte representa um salto qualitativo na articulação entre memória, produção e desenvolvimento. Este espaço museológico, concebido de forma inovadora, não se limita à exibição de objetos históricos, mas propõe uma narrativa crítica, abrangente e profundamente pedagógica sobre o ciclo do café na região. O museu conta a história da cafeicultura no Vale do Café, abordando desde os processos de ocupação do território, passando pela formação das

fazendas, até os impactos econômicos, sociais e ambientais da monocultura, incluindo de forma honesta e necessária a memória da escravidão e das dinâmicas de exploração que sustentaram a riqueza cafeeira do século XIX.

O Museu do Café se constitui, portanto, como um espaço de educação patrimonial e de reflexão histórica, promovendo o reconhecimento dos processos históricos que estruturaram as desigualdades sociais e territoriais, ao mesmo tempo em que oferece aos visitantes uma compreensão aprofundada das práticas contemporâneas de regeneração e sustentabilidade. Ao articular o passado ao presente, o museu reforça uma das premissas centrais da economia circular aplicada aos territórios históricos: o entendimento de que o desenvolvimento regenerativo não é apenas um compromisso com o futuro, mas também um ato de reparação, ressignificação e reconciliação com a história.

Essa abordagem, que combina produção agrícola regenerativa, turismo de experiência e educação patrimonial, se materializa em um modelo de negócio absolutamente coerente com os princípios da economia circular. O ciclo produtivo do café na Fazenda São Luiz da Boa Sorte não opera isoladamente; ele se integra a um ecossistema econômico mais amplo, que inclui atividades educacionais, culturais, turísticas e comunitárias. Cada uma dessas atividades alimenta as demais, criando fluxos de valor que são distributivos, colaborativos e regenerativos, tanto do ponto de vista econômico quanto social e cultural.

O turismo regenerativo, nesse contexto, não se configura como um segmento secundário, mas como uma dimensão central da estratégia econômica e territorial da fazenda. Os visitantes não apenas consomem um roteiro turístico, mas são convidados a participar de experiências transformadoras, que incluem desde visitas guiadas às áreas produtivas e aos espaços museológicos até oficinas práticas de cultivo, torra e degustação de cafés especiais. Essas experiências reforçam o vínculo afetivo e cognitivo entre visitantes e território, ao mesmo tempo em que geram externalidades positivas para a comunidade local, promovendo inclusão, geração de renda e fortalecimento das redes produtivas locais.

Os encontros técnicos, seminários, workshops e eventos realizados periodicamente na Fazenda São Luiz da Boa Sorte consolidam ainda mais seu papel como centro de inovação, formação e difusão de práticas regenerativas e circulares. Ao reunir produtores, pesquisadores, estudantes, profissionais do turismo, da cafeicultura e do meio ambiente, o Fórum Replanta Vale opera como uma verdadeira plataforma de inovação social e econômica, capaz de irradiar conhecimento e fortalecer capacidades locais, regionais e até nacionais.

No campo social, os impactos do projeto são significativos e exemplares. A geração de empregos diretos e indiretos, com ênfase na contratação de mão de obra local, contribui para a redução das desigualdades econômicas e para o fortalecimento do tecido social. Paralelamente, os programas de capacitação em agroecologia, hospitalidade, gestão turística e educação patrimonial promovem não apenas a inclusão produtiva, mas também a construção de capital social e cultural, elementos fundamentais para a resiliência dos territórios na lógica da economia circular.

A Fazenda São Luiz da Boa Sorte, portanto, não apenas reproduz um modelo de desenvolvimento sustentável; ela o reinventa, propondo um paradigma que articula produção, cultura, educação e regeneração ambiental em uma matriz econômica sistêmica e circular. Ao fazê-lo, demonstra que é possível transformar passivos históricos em ativos de desenvolvimento, promovendo não apenas a preservação do passado, mas a criação de futuros mais justos, resilientes e prósperos.

Esse modelo, que integra a retomada da cafeicultura em bases regenerativas, a criação do Museu do Café e a consolidação de um turismo histórico-cultural de alto valor agregado, posiciona o Fórum Replanta Vale como referência nacional e internacional na aplicação dos princípios da economia circular aos territórios culturais. Ele oferece, assim, uma resposta concreta, viável e inspiradora aos desafios contemporâneos da transição ecológica, da valorização da memória, da inclusão econômica e da construção de sociedades mais equitativas e regenerativas.

3.1 REPLANTA VALE SOB A ÓTICA DA GESTÃO

A análise do Fórum Replanta Vale e da Fazenda São Luiz da Boa Sorte, sob a ótica da gestão e da administração, dentro do paradigma da economia circular, revela não apenas contribuições inovadoras, mas também uma ruptura estrutural com os modelos convencionais de gestão rural, patrimonial e turística. A transição de um modelo linear, baseado na lógica extrativista e no consumo irrestrito de recursos, para um modelo circular, fundamentado em regeneração, resiliência e interdependência dos sistemas socioecológicos, representa uma transformação epistemológica profunda. Esta mudança impacta diretamente as estruturas organizacionais, os processos decisórios, os modelos de negócios e, sobretudo, os sistemas de governança territorial.

Ao adotar os fundamentos da economia circular como princípio estruturante, o projeto não apenas redesenha seus processos produtivos, mas institui uma nova racionalidade gerencial, na qual a geração de valor não é mais mensurada exclusivamente por métricas financeiras tradicionais, mas pela capacidade de gerar valor multidimensional, seja econômico, ambiental, social, cultural e territorial. Essa lógica, conforme asseveram Lacy e Rutqvist (2015), reposiciona a gestão em um campo ampliado, no qual organizações deixam de ser entes isolados para se tornarem nodos ativos dentro de redes territoriais, ecológicas e socioculturais.

Do ponto de vista organizacional, a gestão da Fazenda São Luiz da Boa Sorte materializa, na prática, o conceito de *capacidades dinâmicas*, conforme delineado por Meirelles e Camargo (2014). Essa capacidade de integrar, construir e reconfigurar competências internas e externas torna-se evidente na forma como o projeto articula, de maneira fluida, práticas de inovação agroecológica, gestão patrimonial, desenvolvimento de cadeias de valor regenerativas e experiências imersivas no turismo cultural. Trata-se de um arranjo organizacional altamente adaptativo, resiliente e responsável às dinâmicas territoriais e aos desafios impostos pela transição ecológica contemporânea.

Essa configuração se traduz, concretamente, em um modelo de negócio circular, profundamente distinto das lógicas lineares tradicionais. Conforme defendem Pieroni, Mcaloone e Pigosso (2019), modelos circulares não se fundamentam na maximização da produção e do consumo, mas na otimização do uso dos recursos, na extensão do ciclo de vida dos ativos, sejam eles produtivos, culturais ou sociais, e na criação de valor compartilhado. No caso do Replanta Vale, essa lógica se manifesta na articulação virtuosa entre a retomada da cafeicultura regenerativa, a ativação do patrimônio histórico e cultural (materializada, por exemplo, no Museu do Café) e o desenvolvimento de um turismo regenerativo, que promove não apenas experiências, mas também processos educativos e transformadores.

No campo da administração, essa transição exige uma reconfiguração completa dos processos de gestão. Abandona-se o paradigma reducionista e mecanicista, centrado na eficiência interna isolada, e adota-se uma perspectiva sistêmica, conforme defendem Lacy e Rutqvist (2015). Nesta abordagem, as organizações passam a ser concebidas como sistemas vivos, imersos em redes de fluxos materiais, energéticos, culturais e sociais, nos quais a geração de valor se dá por meio da interdependência, da colaboração e da regeneração.

Esse redesenho organizacional não se limita à esfera produtiva, mas se estende à governança. O projeto incorpora um modelo de governança colaborativa para territórios regenerativos, no qual as decisões emergem de processos participativos, envolvendo uma

pluralidade de atores como produtores locais, trabalhadores, instituições acadêmicas, pesquisadores, agentes públicos e a comunidade. Este modelo não apenas garante legitimidade social, mas também fortalece as capacidades endógenas do território, promovendo inclusão, equidade e resiliência, em total alinhamento com os fundamentos da economia circular e do desenvolvimento sustentável (Souza *et al.*, 2020).

O aspecto financeiro da gestão, por sua vez, também é ressignificado. A lógica circular rompe com as métricas tradicionais centradas exclusivamente na lucratividade imediata, adotando uma abordagem de valor integral ou valor sistêmico. Nessa perspectiva, os retornos financeiros são considerados conjuntamente aos retornos socioambientais e culturais, integrando externalidades positivas como geração de capital social, fortalecimento da identidade territorial, valorização dos saberes tradicionais e promoção de serviços ecossistêmicos. Isso consolida um modelo de gestão no qual impacto e valor caminham inseparavelmente.

Além disso, a liderança requerida para conduzir este modelo não é uma liderança convencional. Trata-se de uma liderança regenerativa, conceito trabalhado por Lacy e Rutqvist (2015), que se caracteriza pela capacidade de orquestrar sistemas complexos, de facilitar processos colaborativos, de promover inovação social e econômica, e, sobretudo, de alinhar os objetivos organizacionais às dinâmicas dos sistemas vivos. É uma liderança ética, estética e ecológica, capaz de compreender que desenvolvimento econômico, justiça social e integridade ecológica são dimensões absolutamente indissociáveis.

A gestão do conhecimento, neste contexto, assume papel estratégico e central. O Fórum sistematiza e valoriza saberes ancestrais, como as práticas tradicionais de cultivo do café, de manejo de solo e de construção vernacular, e os integra a inovações tecnológicas e científicas contemporâneas. Esse processo gera uma dinâmica de aprendizagem organizacional contínua, que não apenas amplia a eficiência e a resiliência dos sistemas produtivos, mas também converte o conhecimento em ativo estratégico, escalável e compartilhável com outros territórios e organizações.

O caso da Fazenda São Luiz da Boa Sorte demonstra, portanto, que a integração entre gestão, sustentabilidade, inovação social e economia circular não é um exercício teórico, mas uma realidade concreta, aplicada e comprovadamente eficaz. A transição para modelos econômicos regenerativos exige mais do que adaptações marginais, exige uma transformação radical dos próprios fundamentos da gestão, que passa a ser orientada pela lógica da complexidade, da interdependência e da regeneração.

Neste sentido, o Replanta Vale transcende sua função de projeto local e se posiciona como uma referência teórico-prática para o campo da administração contemporânea. Demonstra, de maneira inequívoca, que a economia circular não é uma estratégia periférica, mas um novo paradigma de gestão, capaz de redesenhar os fundamentos sobre os quais as organizações operam, se relacionam, geram valor e constroem futuros.

Portanto, o Replanta Vale e a Fazenda São Luiz da Boa Sorte não são apenas um projeto de regeneração ambiental, de turismo cultural ou de retomada econômica territorial. São, acima de tudo, uma escola viva de gestão regenerativa, que oferece ao mundo um modelo replicável, escalável e profundamente transformador. Ao fazê-lo, contribuem decisivamente para a reinvenção da prática e da teoria da administração no século XXI, apontando para uma economia que alia desenvolvimento econômico, equidade social, regeneração ecológica e preservação cultural como pilares indissociáveis de uma nova civilização: circular, justa e regenerativa.

Considerações Finais

O presente artigo analisou, sob uma perspectiva interdisciplinar que articula os campos da gestão, da administração, da economia circular e da regeneração territorial, a trajetória do município de Vassouras e, particularmente, o Replanta Vale, e em especial a Fazenda São Luiz da Boa Sorte. A partir dessa análise, torna-se evidente que estamos diante de um modelo inovador, robusto e exemplar de como é possível ressignificar territórios historicamente marcados por dinâmicas econômicas predatórias, como foi o ciclo do café no Vale do Paraíba Fluminense, e transformá-los em polos de desenvolvimento sustentável, resiliente e regenerativo.

O estudo revela que o Replanta Vale transcende a lógica da preservação patrimonial convencional e vai além das práticas isoladas de sustentabilidade ambiental. Ele materializa, de forma concreta, os princípios da economia circular aplicados ao desenvolvimento territorial, à regeneração produtiva e à ativação do patrimônio histórico-cultural. Sua atuação não se limita à restauração estética de imóveis ou ao resgate simbólico da memória do ciclo do café, mas promove uma reinserção econômica e ecológica desses ativos na dinâmica contemporânea, por meio da reativação da cafeicultura em bases regenerativas, do fortalecimento do turismo histórico-cultural e da criação do Museu do Café, espaço que articula memória, educação, ética e desenvolvimento.

A experiência da Fazenda São Luiz da Boa Sorte demonstra que a economia circular, quando aplicada de forma sistêmica, rompe definitivamente com os paradigmas lineares de desenvolvimento. Ela exige um redesenho dos modelos de gestão, dos processos produtivos, das cadeias de valor e dos próprios sistemas de governança. Nesse modelo, passado, presente e futuro deixam de ser temporalidades estanques e passam a operar como ciclos interdependentes, nos quais a história, a cultura, a natureza e a economia se alinharam na construção de territórios mais prósperos, justos e regenerativos.

O caso analisado revela também que a gestão regenerativa, baseada em princípios como as capacidades dinâmicas, a governança colaborativa, a liderança sistêmica e a valorização do capital social e cultural, são não apenas possíveis, mas altamente eficaz. Ao articular produção agrícola regenerativa, turismo de experiência, educação patrimonial e desenvolvimento econômico sustentável, o Replanta Vale oferece um modelo prático e escalável de como os territórios históricos podem se tornar laboratórios vivos para a transição ecológica, a economia circular e o desenvolvimento regenerativo.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo contribui para a consolidação de uma linha teórica emergente, que articula economia circular, gestão patrimonial, regeneração territorial e desenvolvimento sustentável como dimensões indissociáveis. Ao mesmo tempo, oferece subsídios concretos para gestores públicos, empreendedores sociais, formuladores de políticas e agentes do setor privado que buscam construir modelos econômicos mais resilientes, inclusivos e alinhados aos desafios do Antropoceno.

Os achados deste artigo demonstram que a transição para uma economia circular não é uma abstração conceitual, mas uma prática concreta, viável e necessária, sobretudo em contextos territoriais que carregam heranças históricas de exploração econômica e social. O modelo implementado na Fazenda São Luiz da Boa Sorte, ao integrar cultura, natureza, comunidade e inovação, não apenas regenera o passado, mas projeta futuros mais sustentáveis, colaborativos e equitativos.

Entretanto, é importante reconhecer que, apesar dos avanços, o processo não está isento de desafios. A pressão da expansão urbana, a especulação imobiliária, as mudanças nos padrões do turismo e os riscos da mercantilização excessiva do patrimônio impõem a necessidade de aprimorar continuamente os mecanismos de governança, fortalecer as redes colaborativas e ampliar as estratégias de educação patrimonial e ambiental.

Por fim, este estudo reforça que o desenvolvimento regenerativo e a economia circular aplicada aos territórios culturais não são apenas uma alternativa desejável, mas uma urgência

civilizatória. O exemplo de Vassouras, por meio do Replanta Vale, demonstra que é possível transformar passivos históricos em ativos de desenvolvimento, promovendo não apenas a preservação da memória, mas também a construção de futuros ancorados na justiça social, na resiliência ecológica e na prosperidade econômica. Trata-se, sem dúvida, de um paradigma replicável, que oferece lições valiosas para outros territórios no Brasil e no mundo, comprometidos com a transição para uma nova economia circular, regenerativa e profundamente humana.

Referências

- ALVES, Jesimar da Cruz. **Do Café à Cidade Universitária**: análise histórica e socioeconômica do município de Vassouras-RJ, do final do século XIX às primeiras décadas do século XXI. 2025. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2025.
- DORSA, A.C. Economia Criativa: Assunto em Pauta. **Interações**, v. 20, n. 4, p. 987-988, out./dez. 2019.
- ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **Rumo à economia circular**: o racional de negócio para acelerar a transição. 2015. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt>
- LACY, P.; RUTQVIST, J. **Waste to wealth**: the circular economy advantage. Accenture strategy. London: Palgrave Macmillan, 2015.
- LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MEIRELLES, D; CAMARGO, A. Capacidades Dinâmicas: O Que São e Como Identificá-las?. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, Edição Especial, art. 3, pp. 41-64, Dezembro, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141289>
- MOURA, Eduardo Augusto Lebre. **Retratos de um Nacionalista** – Uma Biografia Romanceada de Severino Sombra. Vassouras/RJ. Sindicato Nacional dos Editores de Livros/RJ, 2010.
- PIERONI, M. P., MCALOONE, T.C., PIGOSSO, D.C. Business model innovation for circular economy and sustainability: A review of approaches. **J. Clean. Prod.** 215, 198-216, 2019. Doi: 10.1016/j.jclepro.2019.01.036
- PORTO, Vera M. C. **Universidade Severino Sombra – Passos de uma Trajetória Razão e Emoção**. Vassouras/RJ, Editora Centro Gráfico FUSVE, 2013.
- RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. Niterói: Secretaria de Estado de Educação e Cultura – SEEC-RJ, 1978.
- SOUZA, L.L.; MENDES, F.A.T.; BORGES, N.S.; COSTA, J.M.; FERREIRA, E.Y.C.S.; ALEIXO, L.S.S.; SILVA, E.V.S. O debate em torno da sustentabilidade: desenvolvimento rural sustentável: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, 2020. DOI:10.34117/bjdv6n12-209.
- STEIN, Stanley J. **Vassouras**: um município brasileiro do café, 1850-1900. Trad. Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.
- VASSOURAS. Prefeitura Municipal de Vassouras – **História**. Disponível em: <https://www.vassouras.rj.gov.br/historia>. Acesso em: 18 mar. 2025.